

aler+naespjal

PARAR PARA LER

M EDIÇÕES NELSON RAMATOS

Agustín Fernández Paz

Só resta o amor



UM
FASCINANTE
ESCRITOR
GALEGO

UMA FOTOGRAFIA NA RUA

O acaso é que governa o mundo.

PAUL AUSTER, *A noite do oráculo.*

DANIEL ENCONTROU a primeira fotografia numa segunda-feira do mês de Julho, pouco antes do meio-dia. Estava caída no passeio, em frente do edifício da Reitoria, e viu-a por acaso. Ao baixar-se para pegar naquele pequeno pedaço de papel rectangular viu que, tal como pressentira no primeiro momento, se tratava de uma fotografia de passe. E foi então, parado no meio do passeio, que experimentou um intenso arrepio interior que lhe acelerou subitamente o bater do coração. Sentiu-se como se de repente o tivessem transferido para outro lugar onde a realidade se desfocava e desapareciam as pessoas que caminhavam à sua volta, como se apenas

existisse ele e o bocado de cartolina em que concentrara o olhar. Se nalgum lugar pudesse existir uma mulher que fosse a encarnação do que era para ele a beleza, tinha a sua imagem na palma da mão. A fotografia apenas reproduzia a cabeça e uma pequena parte do tronco da mulher fotografada porque esta estava cortada um pouco abaixo das clavículas, mesmo onde se insinuava o início do peito. Mas a Daniel era-lhe indiferente que a fotografia se limitasse à imagem daquele modo, não precisava de ver mais nada para se sentir fascinado pelo rosto que estava a contemplar. Como esquecer a intensidade com que aqueles olhos o fixavam?

Entrou numa pastelaria próxima e sentou-se numa das mesas livres, ainda emocionado pela sensação que acabara de experimentar. Pediu um café com leite e, quando o empregado se afastou e regressou ao seu lugar atrás do balcão, abriu o punho que mantivera fechado até àquele momento e voltou a olhar para a fotografia. Sentiu de novo aquele arrepio delicioso, talvez mais intenso que o anterior, e ficou admirado perante a beleza

que lhe sorria da imagem. Porque era um sorriso sim, embora tão vago que tinha de se concentrar bem para que o percebesse. Não, o sorriso estava nos olhos, naqueles olhos grandes e vivos, cor de mel. Havia neles uma espécie de brilho irónico, ou trocista, que era a sensação transmitida pela mulher que sorria.

Eram os olhos o que mais atraía Daniel, embora o ovalado do rosto, emoldurado pelo cabelo castanho cortado pelo pescoço num corte direito, também lhe parecesse perfeito. Lera há algum tempo alguns artigos que falavam da importância que numa fotografia tem o olhar de quem a tira, os olhos que captam a realidade e escolhem o momento exacto para a immortalizar. Mas, naquele caso, tratava-se de uma fotografia de passe, executada de modo rotineiro por um qualquer fotógrafo alheio à sensibilidade artística ou, talvez, tivesse sido a alma mecânica de uma máquina automática que fixara no papel tanta beleza. Em qualquer dos casos, era a confirmação de que a mulher devia ser ainda mais maravilhosa na realidade.

Depois de passar longos minutos a contemplá-la enquanto o café esfriava, alheio à sua paixão, Daniel apercebeu-se que a fotografia tinha um nome escrito na parte de trás, «Diana». Mas não havia mais nada, nem apelido, nem telefone, nem uma direcção. Apenas o nome, Diana. Umas quantas letras que davam uma nova dimensão à fotografia que Daniel não conseguia deixar de olhar. Porque aquele nome era a confirmação óbvia da sua existência, de que não estava a olhar uma imagem distante e inalcançável como as das revistas. Aquela Diana era real e próxima, era alguém que perdera a fotografia que ele tivera a sorte de encontrar. E isso queria dizer que, naquele mesmo momento, estaria nalgum lugar da cidade, a passear, a ler, a tomar o pequeno-almoço, a sonhar... Era real, tão real quanto ele. E, portanto, também existia a possibilidade de a encontrar, de a conhecer e, se tudo corresse bem, de iniciar uma relação com ela.

Aquele pensamento apresentou-se-lhe com uma tal nitidez que, por instantes, sentiu-se enjoado, como se a cabeça lhe desse

voltas e perdesse a noção do lugar onde se encontrava. Quando reagiu àquele estupor fugaz, já tinha tomado uma decisão: encontraria aquela Diana que acabava de irromper na sua vida de um modo tão extraordinário. Não devia ser difícil, Vigo não era uma cidade muito grande. Encontrá-la-ia e devolver-lhe-ia a fotografia, e contar-lhe-ia depois as reviravoltas que tivera de dar para a encontrar. Isso seria certamente um excelente pretexto para iniciar a sua relação. Uma relação que só poderia correr bem, cada dia melhor, porque algo dizia a Daniel que tudo aquilo não podia ser fruto do acaso. Sabia sobejamente que a vida das pessoas é feita de acasos que podem mudar a nossa existência num determinado momento. Pois bem, ali tinha ele o golpe de acaso que, talvez sem o saber, há meses que esperava. A sua solidão, que durava há mais tempo do que aquele que desejava, estava prestes a acabar. De certo modo já terminara porque o aparecimento da fotografia era, sem dúvida, o primeiro passo, o prólogo de uma relação que imaginava cheia de felicidade.

Já mais calmo, convencido de que tomara a decisão correcta, começou a pensar numa estratégia para a procurar. Encontrara a fotografia no passeio, perto das instalações da Reitoria, um dado que o colocava atrás de uma pista segura. Naquela altura do ano, os estudantes estavam a matricular-se para o próximo ano lectivo da universidade, já na semana anterior vira as longas filas que tinham formado no passeio, até saíra uma fotografia no *Faro de Vigo*. Decerto que Diana era aluna dos últimos anos, o rosto indicava que já deixara a adolescência para trás. Ao ir matricular-se, o mais provável era que lhe tivesse caído uma das fotografias necessárias para o fazer, a mesma que o acaso encaminhara até às suas mãos.

Com um ar determinado, saiu do café e entrou na Reitoria. Àquela hora ainda mal havia uma fila, apenas quatro ou cinco raparigas que não paravam de rir. Esperou pacientemente a sua vez e, quando essa chegou, mostrou a fotografia à funcionária que atendia o público. Explicou que estava à espera de uma amiga que tinha de se ir

matricular, e queria saber se naquela manhã já teria passado por ali. A funcionária, depois de observar a fotografia que Daniel lhe mostrou, respondeu que não se lembrava de a ter visto. Ele insistiu. Talvez tivesse vindo antes e outra pessoa da secretaria a tivesse atendido. Porque não perguntava às colegas? A funcionária, paciente, levantou-se e mostrou a fotografia a outras pessoas que trabalhavam nas mesas próximas. Olharam para a fotografia e de seguida para ele, mas sacudiram todas a cabeça. Por fim, a mulher devolveu-lhe a fotografia e sugeriu que talvez a sua amiga ainda não tivesse chegado. A secretaria estava aberta até às duas, seria melhor que a esperasse no exterior.

Frustrado por aquele primeiro fracasso, Daniel saiu do edifício e começou a andar sob os pórticos da rua Rosalía de Castro, sem saber onde se dirigir. Todo o entusiasmo que sentira desapareceu de repente, como se o caminho aberto pela fotografia terminasse numa parede de cimento. Meteu pela Velázquez Moreno e subiu a rua, até chegar à Casa do Livro. Deteve-se por um momento a exa-

minar as novidades expostas nos escaparates, embora fossem quase todas *best-sellers* que não lhe interessavam nada. Ao seu lado, deteve-se uma mulher idosa com um *cocker* castanho. Daniel afastou-se um pouco, pois o cão começou a cheirar-lhe as calças com demasiada insistência. E foi quando baixou os olhos que se apercebeu que, junto aos sapatos, se encontrava outra fotografia de passe. Baixou-se e apanhou-a, com uma emoção repentina. Quando a olhou, teve de se encostar à parede e respirar várias vezes até conseguir recuperar a calma necessária para se convencer que não era uma alucinação. Ali estava outra vez Diana. Ali a tinha, na palma da mão, a olhá-lo com o sorriso irónico que já conhecia tão bem. A mesma fotografia e o mesmo nome, escrito com uma caligrafia semelhante na parte de trás.

Como era possível? Uma pessoa podia perder duas fotografias na mesma manhã? E como era possível que ninguém a tivesse visto antes? Porque teriam ido parar exactamente às suas mãos? De novo, apresentou-se perante ele a imagem do acaso, um

acaso que parecia empenhado em lhe dar uma segunda oportunidade. Sem pensar duas vezes, entrou na livraria e perguntou à empregada de balcão se a pessoa da fotografia passara por ali durante a manhã. Recebeu uma resposta vaga, já que a empregada não conseguiu dizer se sim ou se não. E o mesmo aconteceu com as outras duas empregadas que se encontravam entre as estantes. Entrava e saía sempre tanta gente!

Quando saiu da livraria, a ideia de encontrar Diana era para ele uma obsessão, sentia que não podia deixar escapar uma oportunidade daquelas. Como encontrar uma pista que lhe permitisse avançar? Foi então que se lembrou de Ángel, um dos seus melhores amigos do tempo do liceu. Sabia que agora trabalhava nos serviços informáticos da universidade, decerto que ele poderia ajudá-lo com a ideia que acabara de lhe ocorrer. Por sorte, ainda tinha o telefone dele na agenda. Ligou-lhe de imediato. Depois das inevitáveis saudações e frases banais, pois há muito tempo que não se viam, Daniel explicou-lhe o motivo da chamada:

— Sabes, é que há uma rapariga que se matriculou hoje na universidade, ou talvez no final da semana passada. Preciso de saber como a localizar: um telefone, a direcção, o correio electrónico, é-me indiferente. Apenas sei que se chama Diana. — Como o amigo não disse nada, decerto surpreendido perante um pedido tão insólito, acrescentou —, De certeza que tens acesso à base de dados da universidade, deve ser fácil descobrires quantas Dianias se matricularam nestes últimos dias. Devem ser poucas, não é um nome muito vulgar.

A princípio, o seu amigo Ángel opôs uma resistência fraca. Falou da confidencialidade dos dados pessoais, das dificuldades para aceder a listagens actualizadas... Daniel utilizou todos os seus poderes de persuasão, e não foi preciso insistir muito para o convencer. Combinaram encontrar-se de tarde na cafetaria Van Gogh, e assim aproveitavam para beber umas cervejas para celebrar o reencontro.

Às sete, Daniel já estava sentado numa das mesas do terraço do Van Gogh, que àquela

hora ainda não se enchera de pessoas. O amigo não demorou a aparecer. O tempo e o trabalho tinham-nos distanciado sem que o desejassem, por isso sentiam-se ambos satisfeitos por aquele reencontro. Saudaram-se efusivos, recordaram velhas histórias dos tempos de liceu, falaram dos respectivos trabalhos... Daniel estava ansioso por saber a informação que Ángel lhe trazia e assim, na primeira oportunidade, pediu-lhe que lha mostrasse.

— Aqui tens as tuas Dianias. — Ángel entregou-lhe umas quantas folhas dobradas que tirou do bolso. — Procurei em todas as faculdades, desde o primeiro ano até aos cursos de doutoramento. Não sei se são muitas ou poucas, depende do modo como se vê. No total, acho que são umas vinte e três Dianias.

Assim que se viu com as folhas em seu poder, Daniel esperou impaciente o momento para dar a reunião por terminada. Por volta das oito, desculpou-se que tinha um encontro um pouco mais tarde ao qual não podia faltar. Ángel não colocou qualquer objecção, também ele ainda tinha de tratar

de alguns assuntos. Despediram-se com promessas vagas de voltarem a encontrar-se e de seguida afastaram-se.

Já em casa, Daniel examinou a lista. Vinte e três mulheres no total, também não eram assim tantas. Decidiu eliminar as sete Dianhas que se tinham matriculado no primeiro ano, de certeza que deviam ser mais novas que a rapariga da fotografia, mas não se atreveu a colocar de lado as de mais nenhum ano. E depois começou a projectar uma estratégia para entrar em contacto com as dezasseis restantes.

Como Ángel apenas lhe dera as direcções, elaborou uma nova lista com os nomes, agrupou-os pela proximidade das casas, e depois desenhou quatro itinerários nos quais reunia todas as ruas que surgiam na lista.

No dia seguinte, vestiu-se com uma roupa mais formal, procurou a pasta de cabedal que herdara do pai e começou a percorrer o primeiro itinerário. A sua intenção inicial fora a de adoptar o papel de vendedor, mas

depressa pôs de lado essa ideia. Sabia que as pessoas não os viam com bons olhos e costumavam fechar-lhes a porta na cara. Por fim, decidiu fazer-se passar por funcionário de uma empresa de sondagens que elaborava um estudo entre os alunos universitários. Na noite anterior, preparara no computador alguns formulários com perguntas gerais que lhe serviriam para disfarçar os seus verdadeiros objectivos, e imprimiu numa cartolina bege os cartões de uma imaginária «Consultora Século XXI».

A primeira da lista era Diana Soutelo Lamas, matriculada no 3.º ano de Engenharia Electrónica. Vivia na rua Venezuela, num edifício que devia ter mais de trinta anos. A entrada era ampla, com as paredes cobertas de painéis de madeira escura e estava decorada com grandes fotografias da cidade a preto e branco. O elevador, estreito e ruidoso, levou-o até ao quinto piso. Sentia-se a representar uma cena que já vira centenas de vezes no cinema. Nos filmes nunca se acertava à primeira, mas Daniel sabia que a realidade não tinha de ser necessariamente

igual à que se via reflectida no ecrã. Talvez ali, atrás da primeira porta se encontrasse a mulher que lhe cativara o coração.

Abriu-lhe a porta uma mulher velha, tão gorda que devia ter dificuldade para entrar nas divisões, a não ser que naquela casa as portas tivessem uma largura especial. Olhou-o desconfiada, a ocupar todo o espaço que a porta entreaberta permitia.

— Bom dia, gostaria de falar com Diana — cumprimentou-a Daniel, a tentar exhibir uma expressão profissional.

— Chamo-me Diana — respondeu a mulher, num tom seco.

— Desejo falar com Diana Soutelo — insistiu. Aquela mulher devia ser da família, talvez se tratasse da mãe da rapariga.

— É a minha filha — replicou a mulher. De seguida acrescentou, receosa —, O que é que lhe quer?

— Estou a fazer uma sondagem promovida pela Universidade de Vigo. Desejam conhecer os hábitos de consumo informático dos alunos universitários. Já sabe, internet, correio electrónico, chats...

— Uma sondagem? O outro homem que passou por aqui na semana passada também disse o mesmo. E o que queria com tanta sondagem era vender-nos uma enciclopédia que custava os olhos da cara. Não virá você com a mesma história?

— Não estou a vender nada, minha senhora. Tenho por acaso ar de vendedor de enciclopédias? Já lhe disse que estou a fazer uma sondagem e que preciso de fazer algumas perguntas à sua filha.

A mulher, depois de o olhar de cima abaixo, pediu-lhe que esperasse e fechou a porta. Quando esta se voltou a abrir, perante Daniel encontrava-se uma rapariga jovem com o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo. Vestia uma blusa de alças cor-de-rosa e umas calças de ganga muito ruças. Pareceu-lhe atraente sim, mas não tinha nada a ver com a pessoa que procurava. Embora não conseguisse evitar sentir-se desiludido, Daniel utilizou a estratégia que planeara para um caso daqueles. Depois de lhe perguntar qual o curso que estava a tirar, fez-lhe uma série de perguntas tão banais quanto fáceis

de esquecer. A rapariga tinha muito mais vontade de falar que ele, por isso limitou-se a ouvi-la e a fingir que anotava as respostas correspondentes às perguntas. Dez minutos depois, estava outra vez na rua. Riscou o primeiro nome da lista e preparou-se para continuar com a sua busca.

Naquele dia não teve sorte em nenhuma das suas visitas, e também não lhe correram bem nos dias que se seguiram. Algumas das raparigas eram mal-educadas; outras, anti-páticas; a maior parte, indiferentes. E ainda pior, nenhuma das Dianas que conheceu se parecia em nada com a da fotografia. Havia três que não estavam em casa. Durante algum tempo, albergou uma esperança vã, mas depressa as colocou de lado. Uma delas estava há duas semanas na aldeia, outra a passar o Verão em Galway para praticar o seu inglês, a terceira entrara há vários dias para o hospital para ser operada à apêndice. Nenhuma delas poderia ser a mulher que perdera as fotografias em frente da Reitoria e da livraria.

A busca que iniciara com tantas ilusões parecia terminada. Demorou três dias a supe-

rar a depressão que o fez fechar-se em casa, a olhar uma e outra vez as fotografias daquela mulher que já sentia tão perto dele como se a conhecesse desde sempre. Por fim, decidiu que não conseguiria nada ao fechar-se em casa, que a única solução era procurá-la no labirinto da cidade: nas ruas, nos cinemas... Seriam as fotografias o seu fio de Ariadne? Se o acaso as colocara ao seu alcance, nada lhe impedia de pensar que se poderia cruzar com aquela mulher a qualquer momento.

No dia em que retomou a busca pela cidade tropeçou com uma terceira fotografia. Foi a meio da tarde, junto ao porto. Fora até ali cansado de tanto caminhar. Desejava sentir a brisa marítima no rosto e contemplar o bater insistente das ondas que naquele dia eram maiores do que o habitual. Quando se sentou a descansar num bloco de granito, fixou-se naquilo que talvez só ele conseguisse ver. A seus pés, misturado no solo com terra e restos de algas secas, encontrava-se um pequeno pedaço de cartolina no qual pegou com uma emoção repentina. Ao virá-lo, sentiu uma ligeira vertigem. Sim, ali

estava outra vez a imagem de Diana, ali estava uma terceira fotografia que deveria ter sido tirada há vários dias pois estava manchada e desbotada pelo sol. Mas era ela, sem dúvida que era, e por trás também surgia o nome, embora se encontrasse tão suja que as letras já mal se distinguiam.

Aquele era o sinal definitivo, não se podia tratar de outra coisa! Era a confirmação do seu futuro, o acaso não podia ser tão persistente. Aquela mulher e ele estavam destinados a encontrar-se, agora tinha a certeza absoluta disso. Embora fosse uma pessoa entre trezentas mil, encontrá-la não seria impossível. Apenas teria de voltar a percorrer as ruas uma e outra vez, não parar até tropeçar com a mulher que o seu coração já escolhera para sempre.

E assim, um dia depois do outro, Daniel percorreu incansável as ruas da cidade, a observar com ilusão e esperança cada uma das mulheres com que se cruzava. Às vezes havia uma que se parecia muito com a Diana dos seus sonhos, e quando a descobria à distância, todo o seu interior se alvoroçava.

Mas de seguida passava ao seu lado e a ilusão cobria-o como uma nuvem de tristeza negra.

Só se deu por vencido quando já tinha passado mais de um mês naquela busca obsessiva. A 15 de Agosto, ao contemplar as ruas da cidade, vazias devido ao dia festivo, decidiu que chegara o momento de aceitar a realidade, o momento de reconhecer que o acaso também pode ser cruel e arrebatá-los esse fio de ilusão com o qual, às vezes, tentamos manter acesa a luz da nossa vida.

Antes de subir para a carruagem, Diana deitou para a plataforma a última fotografia. Ninguém para além dela reparou naquele rectângulo de cartolina perdido no cimento, coberto em seguida por uma primeira pisadela que apagou o seu brilho inicial. Àquela pisadela seguiram-se muitas outras, pois o comboio estava prestes a partir e eram muitas as pessoas que iam e vinham pela estação. Ali ficava a sua última fotografia. Talvez alguém reparasse nela dentro de algumas horas, ou alguns dias depois. Ou, talvez, nunca nin-

guém a encontrasse e acabasse misturada com todos os outros detritos que o varredor recolheria no dia seguinte e, uma vez compactada com outros resíduos, arderia na incineradora mais próxima. Preferiria que acabasse nas mãos de alguém, claro que sim, mas também não lhe desagradava imaginá-la transformada num pouco de cinza e fumo. De qualquer maneira, o ritual estava cumprido.

Desde que a lotaria fora generosa para com ela e que lhe permitira abandonar para sempre o trabalho rotineiro do escritório, Diana gastava grande parte do tempo a viajar, pois sempre fora esse o seu maior desejo. Gostava de o fazer sozinha, fora dos circuitos turísticos que frequentara de início e que apenas lhe mostravam lugares típicos e sem alma. Costumava ficar uma ou duas semanas na cidade escolhida, e mergulhava na vida que existia pelas ruas e praças. Adorava assistir a festas e concertos, observar as pessoas e falar com elas, caminhar pelos lugares concorridos e também pelos mais solitários. Sempre em busca da alma secreta que todas as cidades guardam.

Fora na sua primeira viagem, a Florença, que tomara a decisão de deixar abandonadas oito fotografias em diferentes lugares da cidade que visitava. Uma ao chegar e outra ao partir, essas eram obrigatórias. As restantes deixava-as cair naqueles lugares onde, por algum motivo, a alegria de viver se lhe manifestava com uma intensidade especial. Visto de fora tratava-se de um ritual ridículo, estava consciente disso. Como uma *performance* singular da qual era a única autora e, simultaneamente, espectadora solitária, pois duvidava que houvesse algum deus entediado que das alturas se concentrasse nas suas idas e vindas. Mas deixar aquelas fotografias era para ela um modo de prolongar a estadia, uma maneira de conseguir que depois da sua partida algo de seu permanesse nos lugares onde fora feliz: o rosto e o nome, o mais pessoal e autêntico que podia oferecer à cidade que a acolhera. No fundo, sabia que não havia nada de novo naquele gesto, não passava de uma versão moderna dos tempos em que os visitantes gravavam os seus nomes nas paredes dos monumentos

para indicar que um dia tinham ali estado. Uma ridícula vontade de nos imortalizarmos que talvez não consigamos evitar.

Enquanto o comboio se afastava da cidade, Diana começou a fantasiar com o destino das fotografias que deixara daquela vez. Oito imagens numa cidade inundada de luz e do sal das águas atlânticas. Gostava de imaginar que as pessoas poderiam encontrar alguma e continuar o jogo que ela repetia tantas vezes: tecer histórias a partir de um rosto que descobria numa qualquer revista, ou que entrevia fugazmente ao caminhar pela rua. Talvez alguém, naquele exacto momento, estivesse a imaginar quem seria aquela Diana que o olhava da fotografia abandonada. Tratava-se de uma fantasia inútil, sabia-o, mas não fazia nenhum mal deixar-se levar por ela. Nada a impedia de sonhar com as vidas das pessoas que, talvez, naquele mesmo instante também sonhavam outras vidas para ela, como num jogo de espelhos que apenas o acaso ou algum deus ocioso poderiam controlar.